

VOLUME 1

ANAIS



2 0 2 5

SIMPÓSIO

INTERNACIONAL EM CIÊNCIAS DA SAÚDE

*INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON HEALTH
SCIENCES: DIABETES, OBESITY AND CANCER*

16 E 17 DE JUNHO

UNIVERSIDADE DE MARÍLIA

REITOR

Márcio Mesquita Serva

VICE-REITORA

Regina Lúcia Otaiano Losasso Serva

PRÓ-REITOR ADMINISTRATIVO

Marco Antônio Teixeira

PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO

Fernanda Mesquita Serva

PRÓ-REITORA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Tania Cristina Pithon Curi

COMISSÃO ORGANIZADORA

Sandra Maria Barbalho

NÚCLEO INTEGRADO DE PESQUISA E EXTENSÃO

Walkiria Martinez Heinrich Ferrer



UNIMAR-UNIVERSIDADE DE MARÍLIA
Av. HigynoMuzzi Filho, 1001 – CEP 17.525-902
Marília – SP
Tel.: 14 – 2105-4000
Home page: <http://www.unimar.br>
MARÍLIA-SP

Comissão Organizadora

Adriano Cressoni Araújo
Camila Marcondes de Oliveira
Cláudia Rucco Penteado Detregiachi
Eduardo Federighi B Chagas
Elen Landgraf Guiguer
Fernanda Mesquita Serva
Rui Curi
Sandra Maria Barbalho
Tânia Cristina Pithon Curi
Tânia Yuriko Kushikawa Shirayhi
Wladimir Belo da Silva
Walkiria Martinez Heinrich Ferrer

Comissão Científica

Adriano Cressoni Araujo
Caio Saraiva Coneglian
Caio Sergio Galina Spilla
Camila Marcondes de Oliveira
Camila Maria de Arruda
Carlos Henrique Bertoni Reis
Claudia Sampaio Fonseca Repetti
Cláudia Rucco Penteado Detregiachi
Eduardo Federighi B Chagas
Elen Landgraf Guiguer
Eliana de Souza Bastos Mazuqueli
Pereira
Elidia Fabiana de Souza Xavier
Elizandra Aparecida de Oliveira Lopes
Feres Abrão
Franciele Pereira
Gabriela Martinez Cunha
Gabriela Silva Santana
Isabela Bazzo da Costa
Jefferson Aparecido Dias
Jefferson Cristiano Jacinto dos Santos
Jessica Gimenes Araujo Lopes
João Paulo Ruiz Lucio de Lima Parra
Karina Quesada Bechara
Karina Torres Pomini Rocha
Larissa Naomi Takeda

Leila Maria Guissoni Campos
Lucas Leal de Castro
Manuela dos Santos Bueno
Marcelo Dib Bechara
Maria Angélica Miglino
Mauro Audi
Natalia Alonso Pereira Coneglian
Patricia Cincotto dos Santos Bueno
Paula Cristina Cola Tozzato
Paulo Cezar NOVAIS
Piero Biteli
Rafael Fagundes de Melo
Ricardo de Alvares Goulart
Rodolfo de Oliveira Medeiros
Rodrigo Franco
Rodrigo Paolo Flores Abuná
Rose Eli Grassi Rici
Rui Curi
Sandra Maria Barbalho
Tereza Lais Menegucci Zutin
Vanessa Gutierrez de Andrade
Virgínia Maria Cavalari Catharin Strozze
Vitor Fernando Bordin
Viviane Alessandra Capelluppi Tofano
Walkiria Martinez Heinrich Ferrer

Sumário

CIÊNCIAS DA SAÚDE.....	18
CURCUMINA COMO ADJUVANTE NO TRATAMENTO DO CÂNCER: UMA REVISÃO NARRATIVA	19
EFEITOS COLATERAIS GASTROINTESTINAIS DA SEMAGLUTIDA NO TRATAMENTO PARA INDIVÍDUOS COM OBESIDADE.....	21
IMPACTOS DA OBESIDADE MATERNA SOBRE O DESENVOLVIMENTO ENDÓCRINO, NEUROLÓGICO E CARDIOVASCULAR DA PROGÊNIE.....	23
INFLAMAÇÃO ASSOCIADA AO CÂNCER: O PAPEL DAS CITOCINAS PRÓ-INFLAMATÓRIAS NA FADIGA ONCOLÓGICA.....	25
INTERAÇÕES ENTRE MEDICAMENTOS ANTIDIABÉTICOS HEMATOPOIESE	27
O TRATAMENTO DA DIABETES MELLITUS TIPO 1 COMO FATOR DESENCADEANTE DE DEPRESSÃO E ANSIEDADE EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES.....	29
PSYCHIATRIC DISEASES ASSOCIATED WITH GLYCEMIC CONTROL IN TYPE 1 DIABETES	31
VISÃO RECENTE SOBRE O PROGNÓSTICO DO PACIENTE ONCOLÓGICO NO CENÁRIO DE TERAPIA INTENSIVA	33
A CORRELAÇÃO ENTRE A PRIVAÇÃO DE SONO E O AUMENTO DA INGESTÃO CALÓRICA NA POPULAÇÃO GERAL	35
A CRESCENTE RELAÇÃO ENTRE OBESIDADE E CÂNCER: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	37
A EFICÁCIA DE FITOTERÁPICOS CONTRA O CANCER - THE EFFICACY OF PHYTOCOMPOUNDS AGAINST CANCER	39
A INCIDÊNCIA DE CÂNCER EM PACIENTES COM DIABETES MELLITUS TIPO 2	42
A INFLUÊNCIA DA DIETA E DO ESTILO DE VIDA NA PREVENÇÃO SIMULTÂNEA DE CÂNCER, DIABETES E OBESIDADE.....	44
A INFLUÊNCIA DA MELATONINA NO CONTROLE DA DIABETES MELLITUS TIPO 2 - THE INFLUENCE OF MELATONIN IN THE CONTROL OF TYPE 2 DIABETES MELLITUS.....	46
A INFLUÊNCIA DA MICROBIOTA INTESTINAL NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA OBESIDADE E DIABETES TIPO 2	48
A INFLUÊNCIA DA MICROBIOTA INTESTINAL NO TRATAMENTO DA OBESIDADE	50
A OBESIDADE INFANTIL COMO PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA NO BRASIL: ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO E ENFRENTAMENTO.....	52
A SOBRECARGA DO SISTEMA DE SAÚDE DE EMERGÊNCIA DEVIDO AO AUMENTO DE CASOS DE DIABETES TIPO 2 E OBESIDADE.....	54
A VIVÊNCIA EMOCIONAL DE PACIENTES ONCOLÓGICOS DURANTE O	

	17
TRATAMENTO QUIMIOTERÁPICO	56

CIÊNCIAS DA SAÚDE

CURCUMINA COMO ADJUVANTE NO TRATAMENTO DO CÂNCER: UMA REVISÃO NARRATIVA

Rafaela Nishi

Cintra MARCELO DIB BECHARA^{2; 3} KARINA QUESADA²

ELEN LANDGRAF

GUIGUER^{2; 3}; LARA MINO RIBEIRO¹; ¹Acadêmico do curso de Graduação em Medicina/UNIMAR; Marília; São Paulo; Brasil. ²Docente do Programa de Mestrado e Doutorado em Interações Estruturais e Funcionais na Reabilitação (PPGIS) da Universidade de Marília (UNIMAR); Marília; São Paulo; Brasil. ³Docente do curso de Graduação em Medicina da Universidade de Marília (UNIMAR); Marília; São Paulo; Brasil.

RESUMO

O câncer é um grupo de doenças multifatoriais com crescimento celular desordenado, evasão da apoptose, angiogênese, invasão tecidual e metástase. Embora tratamentos como cirurgia, quimioterapia, radioterapia e imunoterapia avancem, enfrentam limitações como toxicidade, resistência tumoral e recorrência. Assim, compostos naturais vêm sendo estudados como adjuvantes, com destaque para a curcumina — um polifenol do rizoma da *Curcuma longa*, usado há séculos na medicina indiana. Ela apresenta propriedades anti-inflamatórias, antioxidantes, imunomoduladoras e antitumorais. Estudos indicam que a curcumina modula vias celulares associadas à carcinogênese, como NF- κ B, STAT3, PI3K/Akt/mTOR, AP-1 e EGFR, além de genes pró e antiapoptóticos. Contudo, sua aplicação clínica ainda é limitada por baixa biodisponibilidade oral e falta de padronização. Esta revisão narrativa analisou as evidências científicas sobre o uso da curcumina como adjuvante no tratamento oncológico. A busca foi realizada na base PubMed, entre 2015 e 2025, utilizando os descritores (“curcumina” OR “curcuma”) AND (“cancer” OR “neoplasm”), incluindo artigos originais e revisões sobre efeitos da curcumina em modelos *in vitro*, *in vivo* e ensaios clínicos. A curcumina apresenta ação antitumoral por três mecanismos

principais: indução de apoptose, interrupção do ciclo celular e inibição da metástase. A apoptose ocorre via ativação de caspases e redução de Bcl-2; a parada do ciclo celular por regulação de ciclinas; e a ação antimetastática por inibição da angiogênese e invasão tumoral. Estudos in vivo reforçam esses efeitos, principalmente em cânceres de mama e colorretal. Ensaios clínicos indicam que pode atenuar efeitos da quimioterapia, como mucosite oral. Porém, os dados são heterogêneos quanto a doses e tipos de câncer, dificultando sua padronização. A curcumina mostra-se promissora na oncologia integrativa, mas sua eficácia clínica depende de formulações que aumentem sua biodisponibilidade e de mais ensaios clínicos robustos.

Palavras-chave: Curcumina; Câncer; Oncologia Integrativa; Polifenóis; Terapias Complementares; Inflamação.

EFEITOS COLATERAIS GASTROINTESTINAIS DA SEMAGLUTIDA NO TRATAMENTO PARA INDIVÍDUOS COM OBESIDADE

Vittoria Valentina Papin da Costa

Rafael De Sá Carvalho-Curso de Medicina da Universidade de Marília (UNIMAR). Marília- Brasil; Murilo Yagui Pacheco-Curso de Medicina da Universidade de Marília (UNIMAR). Marília- Brasil; Higor Henrique Fonseca-Curso de Medicina da Universidade de Marília (UNIMAR). Marília-Brasil; Dauane Cristine Orso Toscan Rodrigues-Programa de Pós-graduação em Interações Estruturais e Funcionais na Reabilitação; Universidade de Marília (UNIMAR). Marília- São Paulo/Brasil

RESUMO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a obesidade clínica como o acúmulo excessivo de gordura corporal capaz de comprometer a saúde, sendo um relevante problema de saúde pública. A semaglutida, um agonista do receptor do peptídeo-1 semelhante ao glucagon (GLP-1), foi inicialmente desenvolvida para o tratamento do diabetes tipo 2, mas demonstrou potencial para o manejo da obesidade ao reduzir o apetite e a ingestão calórica. No entanto, o uso por períodos curtos não oferece benefícios duradouros e pode causar efeitos adversos. Esta revisão sistemática, conforme os critérios do PRISMA, investigou os possíveis efeitos adversos da semaglutida em pacientes obesos. A busca foi realizada no PubMed com a pergunta: "Semaglutida para obesidade, quais os efeitos colaterais gastrointestinais?". Os descritores utilizados foram "Semaglutida", "Efeitos colaterais" e "Perda de peso", com o operador booleano "AND". Foram encontrados 269 artigos, dos quais 10 foram selecionados após aplicação de critérios de inclusão e exclusão. Os estudos analisados mostraram que os efeitos colaterais mais comuns da semaglutida foram gastrointestinais. Um ensaio duplo-cego com 1961 participantes com IMC >30 (1306 no grupo

controle e 655 no grupo placebo) relatou que náusea, diarreia, vômito e constipação foram os eventos adversos mais frequentes, ocorrendo mais em usuários da semaglutida (74,2%) do que no placebo (47,9%). Eventos graves incluíram pancreatite aguda (3 casos), hipoglicemia (8) e colelitíase (23), sendo mais prevalentes no grupo controle (9,8%) em comparação ao placebo (6,4%). Além disso, 16,6% dos participantes descontinuaram o uso da medicação devido aos efeitos adversos. Conclui-se que, embora eficaz na perda de peso, a semaglutida apresenta efeitos adversos gastrointestinais significativos, afetando até 41,9% dos pacientes. Esses eventos impactam a adesão e a continuidade do tratamento, sendo essencial o monitoramento e estratégias para minimizar esses efeitos.

Palavras-chave: Semaglutida; Efeitos Colaterais; Perda De Peso.

IMPACTOS DA OBESIDADE MATERNA SOBRE O DESENVOLVIMENTO ENDÓCRINO, NEUROLÓGICO E CARDIOVASCULAR DA PROGÊNIE

Júlia Karoline Viana Fabi

CYNTHIA DE PAULA COSTA BORBA- Acadêmico do curso de Graduação em Medicina da Universidade de Marília; JÚLIA ROSA OLIVEIRA- Acadêmico do curso de Graduação em Medicina da Universidade do Oeste Paulista; MARIA EDUARDA PEREIRA FERREIRA- Acadêmico do curso de Graduação em Medicina da Universidade do Oeste Paulista; MARIA JÚLIA BIAZON ALVES - Acadêmico do curso de Graduação em Medicina da Universidade de Marília

RESUMO

A obesidade é uma doença que tem sido cada vez mais prevalente entre mulheres em idade reprodutiva, tornando-se mais comum o desenvolvimento da gestação nesse contexto. Essa condição é caracterizada por um estado de inflamação crônica de baixo grau, decorrente da disfunção do tecido adiposo e de alterações metabólicas. A exposição intrauterina do feto a esse ambiente inflamatório e metabolicamente desregulado pode impactar negativamente no desenvolvimento fetal por meio de mecanismos epigenéticos e alterações na programação metabólica. Como consequência, observa-se maior risco de complicações gestacionais, como diabetes gestacional e pré-eclâmpsia, além de efeitos adversos para a progênie, incluindo pré-disposição a doenças cardiovasculares, endócrinas e neurocomportamentais. Esta revisão tem como objetivo analisar as principais consequências da obesidade materna para a progênie, com foco nas alterações do sistema endócrino, neurológico e cardiovascular. Trata-se de uma revisão narrativa em que, inicialmente, foi realizada a busca dos descritores na plataforma de descritores em ciências da saúde (DeCS/MeSH) e formulada a estratégia de busca: ((Pregnancy in Obesity) OR (Obesity)) AND (Diabetes Complications). A busca foi realizada na base de dados

PubMed, foram utilizados os filtros: “free full text”; “2015 - 2025”. Foram encontrados 9.229 artigos, dos quais 6 foram incluídos nessa revisão. Resultados apontam que a obesidade materna está associada a efeitos multissistêmicos na prole, com repercussões a curto e longo prazo. Estudos demonstram maior risco de distúrbios metabólicos, como obesidade e resistência à insulina, decorrentes da hiperglicemia intrauterina. Além disso, observam-se alterações cardiovasculares, incluindo espessamento ventricular e comprometimento da função diastólica. Mecanismos inflamatórios e epigenéticos também desempenham um papel crucial, predispondo a prole a doenças crônicas, com impactos nos sistemas imunológico, metabólico e neurológico. Destaca-se ainda a associação com transtornos do neurodesenvolvimento, como TDAH e autismo, além de transtornos psiquiátricos, mediados por disfunções placentárias, e vias de sinalização alteradas. Diante do exposto, o sobrepeso no período gestacional representa um importante fator de risco para a saúde da progênie, influenciando negativamente o desenvolvimento dos sistemas endócrino, neurológico e cardiovascular. Esses achados reforçam a urgência de intervenções precoces, desde o pré-natal, a fim de mitigar os efeitos adversos da obesidade materna na saúde das futuras gerações.

Palavras-chave: Obesidade; Gestação; Diabetes Gestacional.

INFLAMAÇÃO ASSOCIADA AO CÂNCER: O PAPEL DAS CITOCINAS PRÓ-INFLAMATÓRIAS NA FADIGA ONCOLÓGICA

Laura Mendes Abib da Silva

Beatriz Mendes Abib da Silva (Acadêmico de Medicina da Universidade de Marília; Marília; São Paulo; Brasil); Bianca Fonseca Repetti (Acadêmico de Medicina da Universidade de Marília; Marília; São Paulo; Brasil); João Paulo Galletti Pilon (Departamento de Gastroenterologia do curso de Medicina da Universidade de Marília; Marília; São Paulo; Brasil)

RESUMO

O câncer, uma das principais causas de mortalidade global, resulta de mutações genéticas que transformam células normais em tumorais, promovendo crescimento celular descontrolado e invasivo. A fadiga é o sintoma mais comum relatado por pacientes oncológicos antes, durante e após o tratamento, podendo persistir por anos. Fármacos quimioterápicos como paclitaxel, oxaliplatina e vincristina têm como efeito adverso debilitante a neuropatia periférica induzida por quimioterapia (NPIQ), que consiste em qualquer condição que afete os nervos periféricos, também contribui para a manifestação da fadiga. Foi realizada uma revisão da literatura nas bases de dados PubMed e Scopus utilizando os descritores “neuroinflammation”, “cancer”, “fatigue” e “pathophysiology”. Foram incluídos seis artigos que cumprissem o objetivo deste estudo, que é a relação dos mecanismos inflamatórios com a fadiga oncológica. Os estudos analisados indicam que a fadiga relacionada ao câncer está diretamente associada a níveis séricos elevados de citocinas pró-inflamatórias como proteína C-reativa, interleucina-1 β , interleucina-6 e fator de necrose tumoral alfa. Essas citocinas são liberadas tanto centralmente, por astrócitos e micróglia, quanto periféricamente, por linfócitos, macrófagos, e são produzidas pelo próprio tumor e pelos tecidos do hospedeiro em resposta ao

crescimento tumoral e aos tratamentos antineoplásicos, não se limitando apenas à periferia. O sistema nervoso central interpreta essas respostas inflamatórias e contribui para a sua amplificação através da micróglia e das células imunes inatas. A ativação dessas vias inflamatórias pode desregular o eixo hipotálamo-hipófise-adrenal, levando à resistência aos glicocorticoides e favorecendo o desenvolvimento de transtornos psiquiátricos, como a depressão, que, por sua vez, intensifica a inflamação, contribui para a progressão tumoral e altera a neurotransmissão. A quimioterapia e a radioterapia causam lesões teciduais que resultam da ligação de padrões moleculares associados a danos a receptores de reconhecimento de padrões em leucócitos e macrófagos, estimulando a liberação de citocinas inflamatórias, ativação da via MAPK e aumento da recaptação de serotonina e noradrenalina. Além disso, ocorre aumento da expressão do hormônio liberador de corticotrofina e redução do fator neurotrófico derivado do cérebro, implicados na fisiopatologia da fadiga. Conclui-se que a inflamação desempenha papel central na gênese da fadiga oncológica, mediada por múltiplas vias imunoneuroendócrinas.

Palavras-chave: Inflamação; Fadiga; Câncer; Citocinas.

INTERAÇÕES ENTRE MEDICAMENTOS ANTIDIABETICOS HEMATOPOIESE

Ana Luisa Biel

Débora Magalhães Maciel; Marina Assur Consalter Saleti; Gabriel Antônio Salvi; Viviane Alessandra Capelluppi Tofano

RESUMO

O diabetes mellitus (DM) é uma doença metabólica crônica que tem como característica hiperglicemia persistente, que pode gerar complicações microvasculares como nefropatia, retinopatia diabética e a neuropatia diabética. Estudos recentes mostram que os eritrócitos desempenham papel ativo na disfunção endotelial, em especial a via de ativação da arginase, reduzindo o óxido nítrico. Tem muitos avanços na DM2, mas falta pesquisas sobre esses mecanismos no DM1, que possuem fisiopatologias distintas. Os micronutrientes também influenciam essas complicações, mas não possui diretrizes claras sobre isso. Realizou-se uma revisão da literatura por meio da seleção de estudos na base de dados PubMed publicados no último ano, sendo utilizado os filtros para textos completos gratuitos, na língua inglesa, adulto:19+ anos e humanos. Os descritores selecionados foram "diabetes" e "blood cells". Validando-se 2 artigos dos 40 encontrados através da pesquisa. O diabetes mellitus, especialmente o tipo 2, tem sido cada vez mais associado a alterações importantes nas células do sangue, que ajudam a explicar algumas das complicações mais comuns da doença. Estudos recentes mostram que, em pessoas com diabetes, células como os monócitos e linfócitos T passam a expressar genes ligados à inflamação e ao estresse oxidativo, o que contribui para um estado inflamatório persistente (ZHU et al., 2024). Além disso, a hiperglicemia constante afeta o funcionamento dos neutrófilos e das plaquetas, deixando essas células mais ativadas e favorecendo a formação de coágulos, o que aumenta o risco de eventos cardiovasculares (LIANG et al., 2024). Essas alterações não ocorrem

isoladamente, elas podem ser observadas também por meio de sinais fisiológicos captados por dispositivos vestíveis, como mudanças na frequência cardíaca, o que mostra o potencial dessas tecnologias na detecção precoce de desequilíbrios metabólicos (LIU et al., 2024). Assim, entender o comportamento das células do sangue em pessoas com diabetes pode ajudar não só no diagnóstico precoce, mas também no monitoramento e na prevenção de complicações a longo prazo. Portanto, medicamentos antidiabéticos podem interferir na hematopoiese por meio de mecanismos metabólicos e inflamatórios, afetando a produção e função das células sanguíneas. A presença de comorbidades e o uso concomitante de fármacos aumentam o risco de alterações hematológicas, exigindo monitoramento clínico. Apesar dos avanços, ainda há lacunas no entendimento dessas interações, o que justifica a necessidade de mais estudos. A integração entre áreas como endocrinologia e hematologia é essencial para otimizar o tratamento e reduzir riscos associados.

Palavras-chave: Diabetes Mellitus Do Tipo 2; Hematopoiese; Antidiabéticos.

O TRATAMENTO DA DIABETES MELLITUS TIPO 1 COMO FATOR DESENCADEANTE DE DEPRESSÃO E ANSIEDADE EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Júlia Karoline Viana Fabi

*LUCAS SILVA VINHAL- Acadêmico do curso de Graduação em
Medicina da Faculdade Atenas; WEVELLYN BUZO BRESSAN
DO NASCIMENTO--*

*Acadêmico do curso de Graduação em Medicina da Universidade do
Oeste Paulista; MARIANA SALCEDO VIANA - Cirurgiã Dentista
graduada pela Universidade Metodista de Piracicaba e Pós-graduanda
em Implantodontia pela Faculdade do Centro Oeste Paulista; MARIA
JÚLIA BIAZON ALVES - Acadêmico do curso de Graduação em
Medicina da Universidade de Marília*

RESUMO

A Diabetes Mellitus Tipo 1 (DM1) é uma doença autoimune crônica que acomete, em grande parte, crianças e adolescentes, exigindo um tratamento contínuo com administração de insulina, monitoramento rigoroso da glicemia e restrições alimentares. Essa rotina exaustiva e imposta precocemente coincide com uma fase crítica do desenvolvimento físico, emocional e social. É justamente nesse período que se observa uma maior vulnerabilidade ao surgimento de transtornos psicológicos, como depressão e ansiedade. O estresse associado ao controle diário da doença, somado às mudanças naturais da adolescência, pode não apenas desencadear esses transtornos, como também agravá-los, impactando significativamente a qualidade de vida e o bem-estar psicossocial desses jovens. O objetivo dessa revisão é analisar a influência do tratamento da DM1 no acometimento de transtornos de depressão e ansiedade em crianças e em adolescentes. Trata-se de uma revisão narrativa que, para a seleção dos artigos, foi realizada a busca dos descritores na plataforma de descritores em ciências da saúde (DeCS/MeSH) e formulada a estratégia de busca: (Diabetes Mellitus, Type 1) AND ((Depression) OR (Anxiety)) AND ((Child) OR (Adolescent)). A

estratégia foi aplicada na base de dados do PubMed, utilizando os filtros: “free full text”; “2015 - 2025”. A busca resultou em 192 artigos, dos quais 3 foram selecionados. Os resultados analisados demonstram a expressiva porcentagem de jovens com depressão dentre os diagnosticados com DM1 (mais de 40%), sendo mais elevada que na população sem o diagnóstico. Os principais achados foram a associação entre depressão/ansiedade e altos níveis de hemoglobina glicada, controle e monitoramento inadequado da glicemia e re-hospitalizações. Embora não seja possível comprovar uma causalidade entre diabetes e os transtornos emocionais, os conflitos familiares, a renda familiar e o medo da hipoglicemia são fatores de risco. Ademais, a restrição alimentar rigorosa e um autocontrole constante são fatores que atrapalham a funcionalidade desses jovens no cotidiano. Os achados indicam que o tratamento da DM1 perpassa o controle glicêmico e carrega um impacto psicológico significativo. A alta prevalência de depressão e ansiedade nesses pacientes reforça a necessidade de estratégias integradas, onde o suporte emocional desempenha um papel tão essencial quanto a insulina no manejo da doença.

Palavras-chave: Diabetes Mellitus Tipo 1; Depressão; Ansiedade; Crianças; Adolescentes.

PSYCHIATRIC DISEASES ASSOCIATED WITH GLYCEMIC CONTROL IN TYPE 1 DIABETES

Rafael Ignacio dos Santos

*BEATRIZ DE FREITAS BEZERRA 1 BIANCA FONSCECA
REPETTI1 JULIANA FERREIRA MARCANDELLI 1 TEÓFILO
AUGUSTO ARAÚJO TIRADENTES 2;*

*1Acadêmico do curso de Graduação em Medicina da
Universidade de Marília. 2Discente do curso de pos-graduacao em
Anestesiologia (Doutorado) da Universidade Estadual Paulista “Julio de
Mesquita Filho” - UNESP. Anestesiologista co-responsavel pelo Centro
de Ensino e Treinamento do programa de residencia medica em
Anestesiologia da Santa Casa de Marília*

RESUMO

A diabetes mellitus tipo 1 (DM1) é uma doença autoimune crônica que exige monitoramento contínuo da glicemia, restrições alimentares rigorosas e adesão a um plano terapêutico disciplinado desde o diagnóstico. Esses fatores, aliados à constante preocupação com episódios de hipoglicemia, impõem elevada carga emocional aos pacientes, favorecendo o desenvolvimento de doenças psiquiátricas especialmente transtornos de ansiedade e depressão. Diferentemente do diabetes tipo 2, geralmente associado a fatores de estilo de vida, o DM1 demanda um nível elevado de autocuidado, o que pode impactar significativamente a saúde mental do indivíduo. Ademais, observou-se um aumento da vulnerabilidade emocional em populações com doenças crônicas, como os pacientes com DM1. Diante disso, torna-se essencial promover uma abordagem terapêutica integrada entre endocrinologistas e profissionais da saúde mental, com o intuito de prevenir e manejar os efeitos psicossociais relacionados ao tratamento da doença. Este estudo teve como objetivo analisar os impactos psicológicos associados ao controle glicêmico em pacientes com DM1, com ênfase na relação entre a rigidez da rotina terapêutica e o surgimento de sintomas depressivos. A metodologia utilizada foi a revisão integrativa da literatura,

com buscas realizadas na base de dados PubMed, no período de 2021 a 2025, utilizando os descritores: depression AND diabetes type 1 AND glyceimic control therapy. Foram incluídos artigos originais, textos completos, ensaios clínicos e estudos de coorte, sendo excluídas publicações fora do recorte temporal proposto. Os resultados indicaram uma correlação significativa entre o controle glicêmico rigoroso e a incidência de sintomas de valens psicossomáticos, principalmente quadros depressivos e ansiosos. Pacientes com maior variabilidade glicêmica apresentaram pior saúde emocional e controle metabólico. Em contrapartida, intervenções multidisciplinares e suporte psicológico mostraram-se eficazes na redução desses sintomas e na melhora do controle glicêmico. Conclui-se que o tratamento do DM1 deve incluir o cuidado com a saúde mental, sendo imprescindível uma abordagem interdisciplinar que valorize o bem-estar psicológico como parte fundamental da terapêutica, especialmente em um cenário de maior fragilidade emocional como o atual.

Palavras-chave: DOENÇAS PSIQUIÁTRICAS; DIABETES TIPO 1; CONTROLE GLICÊMICO; INSULINA; DEPRESSÃO; ANSIEDADE.

VISÃO RECENTE SOBRE O PROGNÓSTICO DO PACIENTE ONCOLÓGICO NO CENÁRIO DE TERAPIA INTENSIVA

Leticia Camargo Teles

*WESLEY GABRIEL FANTATO; FISIOTERAPEUTA DO
HOSPITAL BENEFICIENTE DA UNIMAR*

RESUMO

O câncer, uma patologia não transmissível de grande impacto social, exige uma abordagem multifacetada em saúde pública, incluindo detecção precoce, tratamento e cuidados paliativos. Essa doença, ligeiramente mais prevalente em homens, é altamente incapacitante e manifesta-se frequentemente nas formas de pulmão, mama, próstata e cólon. Pacientes oncológicos frequentemente necessitam de suporte em terapia intensiva (UTI), tornando-se fragilizados. Nesse contexto, a compreensão das expectativas do paciente em relação à sua condição e ao ambiente de UTI é crucial. Este estudo buscou revisar a literatura sobre o prognóstico de pacientes oncológicos adultos em UTI, focando em revisões sistemáticas recentes. A pesquisa foi realizada na base de dados PubMed em 22/05/2025, utilizando os termos "cancer" AND "prognosis" AND "intensive care units", e selecionando revisões sistemáticas dos últimos 5 anos com texto completo disponível em todas as línguas. Dos seis artigos encontrados, dois foram excluídos por não abordarem exclusivamente pacientes oncológicos ou por incluir a influência de múltiplas comorbidades em pacientes com COVID-19. Os quatro artigos restantes relacionaram o prognóstico do paciente oncológico com a infecção por SARS-CoV-2 (COVID-19). A frequência de câncer nessa população variou de 2,1% a 8%, com uma taxa de admissão em UTI 14,5% maior para pacientes oncológicos com COVID-19. A mortalidade também foi maior nesses pacientes, com uma taxa de 21,1% e um risco combinado de morte de 34%, apesar de substancial heterogeneidade. Essa predominância de estudos sobre pacientes oncológicos com COVID-19

provavelmente reflete os intensos esforços científicos recentes para abordar a pandemia. Contudo, isso resultou em uma lacuna na literatura quanto ao prognóstico do paciente puramente oncológico em UTI, sem a condição de COVID-19. Conclui-se que pacientes oncológicos infectados por SARS-CoV-2 apresentaram maior mortalidade, embora com heterogeneidade. A metodologia aplicada não encontrou revisões sistemáticas que abordassem o prognóstico de pacientes oncológicos em UTI sem essa condição associada, o que aponta para a necessidade de novos estudos para uma compreensão mais abrangente do tema. Palavras-chave: Câncer. Terapia Intensiva Adulto. Prognóstico.

Palavras-chave: CÂNCER; TERAPIA INTENSIVA ADULTO; PROGNÓSTICO.

A CORRELAÇÃO ENTRE A PRIVAÇÃO DE SONO E O AUMENTO DA INGESTÃO CALÓRICA NA POPULAÇÃO GERAL

Isabela Greggio Ferreira

Giovana Cortez Rodolpho - Acadêmico do curso de Graduação em Medicina na Universidade de Marília; Heloisa Helou Doca - Docente do curso de Graduação em Medicina na Universidade de Marília; Paula Cristina Cola Tozzato - Docente do curso de Graduação em Medicina na Universidade de Marília

RESUMO

A privação de sono tem sido reconhecida como um fator potencial para o aumento da ingestão calórica e, conseqüentemente, para o ganho de peso e o possível desenvolvimento de obesidade na população geral. O sono insuficiente pode impactar negativamente a regulação do apetite, influenciando a produção de hormônios reguladores da saciedade e os padrões alimentares. Diante disso, este estudo teve como objetivo avaliar a associação entre a privação parcial de sono e o aumento da ingestão calórica na população geral. A busca foi conduzida na base de dados PubMed/MEDLINE, seguindo o protocolo PRISMA. Foram analisados cinco ensaios clínicos randomizados, com amostras compostas por adultos e crianças, que compararam a ingestão calórica entre períodos de sono restrito e adequado. Os resultados demonstraram que a privação de sono promoveu aumento da ingestão calórica em todos os estudos analisados: adultos privados de sono consumiram entre 17% e 20% mais calorias, enquanto crianças ingeriram entre 361 kJ e 401 kJ a mais nas semanas de restrição, em comparação aos períodos de sono prolongado. Além disso, adultos com hábito de sono inferior a 6,5 horas por noite tiveram um consumo calórico diário médio 270,4 kcal maior em comparação àqueles que dormiram 8,5 horas, reforçando a relação entre a duração do sono e o consumo energético. Embora os estudos demonstrem consistência nos

achados, limitações como heterogeneidade metodológica e falta de padronização na medição dietética destacam a necessidade de pesquisas futuras com protocolos mais rigorosos. Ainda assim, os dados reforçam que o aumento da ingestão calórica em decorrência da privação de sono é um marcador precoce de risco para ganho de peso e desenvolvimento de obesidade. Conclui-se, portanto, que a restrição de sono está diretamente associada ao maior consumo calórico.

Palavras-chave: Privação De Sono; Ingestão Calórica; Obesidade; Sono Insuficiente; Ganho De Peso.

A CRESCENTE RELAÇÃO ENTRE OBESIDADE E CÂNCER: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Felippe Antonio Góes

Scorsioni Felipe Augusto Alves Cardoso² Juliana Fernandes³ Sandra

Maria Barbalho⁴ ;

² Médico residente no Programa de Especialização em Cirurgia Geral do Hospital Beneficente Unimar ³ Acadêmica do curso de Medicina da Universidade de Marília – UNIMAR ⁴ Docente com Mestrado em Genética e Evolução e Doutorado em Biologia; orientadora no Programa de Pós-Graduação em Interações Estruturais e Funcionais na Reabilitação da Universidade de Marília – UNIMAR Professora da Faculdade de Medicina da Universidade de Marília – UNIMAR

RESUMO

Introduction: Obesity has emerged as a significant risk factor for various cancers, with recent studies highlighting its role in cancer incidence and progression. Objectives: To synthesize recent findings (2020–2025) on the association between obesity and cancer risk, emphasizing the impact of bariatric surgery on cancer incidence. Materials and Methods: A systematic review of 12 peer-reviewed studies published between 2020 and 2025 was conducted, focusing on the relationship between obesity and cancer, and the effects of bariatric surgery on cancer risk. Results: The reviewed studies consistently demonstrate that obesity increases the risk of several cancers, including colorectal, breast, endometrial, and pancreatic cancers. Mechanisms implicated involve chronic inflammation, hormonal imbalances, and metabolic dysregulation. Notably, bariatric surgery has been associated with a reduced risk of certain cancers, particularly breast and endometrial cancers, suggesting its potential role in cancer prevention strategies. Conclusion: The evidence from 2020 to 2025 reinforces the strong association between obesity and increased cancer risk. Bariatric surgery emerges as a promising intervention to mitigate this risk, underscoring the

need for integrated approaches in cancer prevention and obesity management. Key words: Obesity, Cancer Risk, Bariatric Surgery, Chronic Inflammation, Hormonal Imbalance

Introdução: A obesidade tem se consolidado como um fator de risco significativo para diversos tipos de câncer, com estudos recentes destacando seu papel na incidência e progressão da doença. **Objetivos:** Sintetizar as descobertas recentes (2020–2025) sobre a associação entre obesidade e risco de câncer, com ênfase no impacto da cirurgia bariátrica na incidência dessas neoplasias. **Materiais e Métodos:** Foi realizada uma revisão sistemática de 12 estudos revisados por pares, publicados entre 2020 e 2025, com foco na relação entre obesidade e câncer, bem como nos efeitos da cirurgia bariátrica na redução do risco oncológico. **Resultados:** Os estudos analisados demonstram, de forma consistente, que a obesidade aumenta o risco de diversos tipos de câncer, incluindo os cânceres colorretal, de mama, endometrial e pancreático. Os mecanismos envolvidos incluem inflamação crônica, desequilíbrios hormonais e disfunções metabólicas. Destaca-se que a cirurgia bariátrica está associada à redução do risco de alguns desses cânceres, especialmente os de mama e endométrio, sugerindo seu potencial papel nas estratégias de prevenção oncológica. **Conclusão:** As evidências de 2020 a 2025 reforçam a forte associação entre obesidade e risco aumentado de câncer. A cirurgia bariátrica surge como uma intervenção promissora para mitigar esse risco, evidenciando a necessidade de abordagens integradas na prevenção do câncer e no manejo da obesidade. Obesidade, Risco de Câncer, Cirurgia Bariátrica, Inflamação Crônica, Desequilíbrio Hormonal

Palavras-chave: Obesidade; Risco De Câncer; Cirurgia Bariátrica; Inflamação Crônica; Desequilíbrio Hormonal.

A EFICÁCIA DE FITOTERÁPICOS CONTRA O CANCER - THE EFFICACY OF PHYTOCOMPOUNDS AGAINST CANCER

Felipe Melo Azevedo

Bruno Ale Bark; Laís Melo Azevedo; Sandra Maria Barbalho

RESUMO

RESUMO O câncer é uma doença relacionada à desregulação do ciclo celular resultando em crescimento descontrolado de células e podendo ocorrer invasão de tecidos e órgãos adjacentes e comprometer por completo sua funcionalidade. Esta doença é uma das principais causas de morte no mundo, sendo a segunda principal causa das mortes globais, segundo a OMS. Embora existam tratamentos como a quimioterapia, radioterapia ou ressecção, a taxa de mortalidade da doença permanece muito alta. Os compostos fitoterápicos, que têm sido usados desde tempos milenares no tratamento de inúmeras doenças inflamatórias e relacionadas ao estresse oxidativo, têm sido considerados na prevenção e como adjuvantes terapêuticos na abordagem do câncer. Alguns fitocompostos muito estudados são os flavonoides, ácidos fenólicos, estilvenos, carotenóides e alcalóides. Este estudo teve como objetivo investigar os efeitos dos fitoterápicos da prevenção e tratamento do câncer. Esta revisão narrativa buscou artigos publicados no PubMed (últimos dez anos). As palavras-chaves utilizadas para a busca foram Phytocompounds or medicinal plants and cancer. Foram incluídos estudos originais e revisão. Os fitoquímicos podem ter efeitos como inativadores carcinógenos, na prevenção da proliferação e podem causar parada do ciclo celular e levar à apoptose das células cancerígenas, além de promover menores efeitos colaterais que as medicações convencionais, sendo também de custo de desenvolvimento reduzido e com maior biodisponibilidade. Ainda que podem regular a expressão genética, inibir vias de proliferação celular descontroladas como PI3K/Akt (Fosfatidilinositol 3-Quinase–Akt), MAPK (Mitogen-Activated

Protein Kinase) , NF- κ B (Fator Nuclear Kappa B), induzir à apoptose, eliminar células cancerígenas sem afetar as células normais, inibir a angiogênese tumoral e reduzir a liberação de marcadores inflamatórios como TNF- α (Fator de Necrose Tumoral Alfa). Fito compostos como curcumina, resveratrol, quercetina e canabinóides apresentam atividades anti-tumorais tanto in vitro quanto in vivo, contra diferentes tipos de câncer, como câncer de mama e colorretal, linfomas, melanoma maligno, glioblastoma multiforme e osteossarcoma. No momento ainda há limitações da aplicação dos compostos, devido à baixa solubilidade em água, absorção rápida e direcionamento seletivo, mas apesar disso os resultados gerais demonstram uma eficácia promissora destes fitocompostos. Palavras-chave: Phytocompounds; Medicinal plants; Cancer. ABSTRACT Cancer is a disease related to the deregulation of the cell cycle, resulting in uncontrolled cell growth and the possibility of invasion of adjacent tissues and organs, completely compromising their functionality. This disease is one of the leading causes of death in the world, and is the second leading cause of global deaths, according to the WHO. Although there are treatments such as chemotherapy, radiotherapy or resection, the mortality rate from the disease remains very high. Phytotherapeutic compounds, which have been used for thousands of years in the treatment of numerous inflammatory diseases and those related to oxidative stress, have been considered in the prevention and as therapeutic adjuvants in the approach to cancer. Some widely studied phytocompounds are flavonoids, phenolic acids, stilbenes, carotenoids and alkaloids. This study aimed to investigate the effects of phytotherapeutic agents in the prevention and treatment of cancer. This narrative review searched for articles published in PubMed (last ten years). The keywords used for the search were Phytocompounds or medicinal plants and cancer. Original studies and reviews were included. Phytochemicals can have effects as carcinogen inactivators, in preventing proliferation and can cause cell cycle arrest and lead to apoptosis of cancer cells, in addition to promoting fewer side effects than conventional medications, also being of reduced development cost and with greater bioavailability. They can also regulate gene expression, inhibit uncontrolled cell proliferation pathways such as PI3K/Akt (Phosphatidylinositol 3-Kinase - Akt), MAPK (Mitogen-Activated Protein Kinase), NF- κ B (Nuclear Factor Kappa B), induce apoptosis, eliminate cancer cells without affecting normal cells, inhibit tumor angiogenesis and reduce the release of inflammatory markers such as TNF- α (Tumor Necrosis Factor Alpha). Phytocompounds such as curcumin, resveratrol, quercetin and cannabinoids exhibit antitumor activity both in vitro and in vivo against different types of cancer, such as breast and colorectal cancer, lymphomas, malignant melanoma, glioblastoma multiforme and osteosarcoma. At present, there are still limitations in the application of these compounds due to their low water solubility, rapid

absorption and selective targeting, but despite this, the overall results demonstrate promising efficacy of these phytochemicals. Keywords: Phytochemicals; Medicinal plants; Cancer.

Palavras-chave: Plantas Medicinais; Fitocompostos; Câncer.

A INCIDÊNCIA DE CÂNCER EM PACIENTES COM DIABETES MELLITUS TIPO 2

Gabriella Bueno Moreira

ANA JULIA FATTORI; LÍGIA QUINTINO DE CASTRO; MARCO TÚLIO DE SOUZA GOMES; MARIA LUÍSA ABDO BARRETO

RESUMO

O Diabetes Mellitus tipo 2 (DM2) é uma doença metabólica crônica caracterizada por resistência à insulina e hiperglicemia persistente, estando frequentemente associada a fatores como obesidade e sedentarismo. Já o câncer compreende um grupo de doenças caracterizadas pelo crescimento descontrolado e disseminação anormal de células, sendo uma das principais causas de mortalidade no mundo. Estudos recentes têm sugerido uma possível associação entre DM2 e o aumento da incidência de diversos tipos de câncer, como os de fígado, pâncreas, endométrio e cólon. Essa relação pode estar ligada a mecanismos comuns como inflamação crônica, hiperinsulinemia e alterações no metabolismo da glicose. Diante disso, este trabalho tem como objetivo avaliar a incidência de câncer em pacientes com diabetes tipo 2, buscando compreender os possíveis vínculos entre essas duas condições de grande impacto na saúde pública. Realizou-se uma revisão de literatura utilizando a base de dados “PubMed” com os descritores “Carcinogenesis” e “Diabetes Mellitus, Type 2”. Sobre o tema é conhecido que a incidência de câncer é significativamente maior em pacientes com DM2 em comparação com indivíduos sem diabetes. Foi observada uma maior incidência para pâncreas, rim, vesícula biliar, mama, útero, próstata e fígado. A relação entre DM2 e câncer, especialmente o pancreático, é multifatorial, envolvendo mecanismos como hiperinsulinemia e resistência à insulina, que promovem o crescimento e proliferação celular; o aumento de espécies reativas de oxigênio (ROS); a inflamação crônica associada à abundância de células inflamatórias no tecido adiposo; e a

hiperglicemia, que favorece o crescimento de células malignas e a formação de produtos avançados de glicação (AGEs). A hiperinsulinemia, reduz a síntese de IGFBP1 e 2, elevando os níveis de IGF-1, fator crucial para o desenvolvimento e progressão tumoral, dado que células cancerígenas expressam alta quantidade de receptores para insulina e IGF-1. Logo, o DM2 aumenta significativamente o risco de desenvolver diversos tipos de câncer, impulsionado por mecanismos complexos como hiperinsulinemia, resistência à insulina, estresse oxidativo e inflamação crônica. Conclui-se, a importância do manejo terapêutico do DM2 como fator protetor para o desenvolvimento de neoplasias.

Palavras-chave: Câncer; Diabetes Mellitus Tipo 2; Hiperglicemia.

A INFLUÊNCIA DA DIETA E DO ESTILO DE VIDA NA PREVENÇÃO SIMULTÂNEA DE CÂNCER, DIABETES E OBESIDADE

Naomi Gabriela Kubo

*Bianca Yukari Ito 1; Bruna Muniz Gonçalves de Oliveira 1; João Alves
dos Santos Mendes 1; Manuela dos Santos Bueno 2*

RESUMO

A Organização Mundial da Saúde define a obesidade como o acúmulo excessivo de gordura corporal que acarreta riscos significativos à saúde, caracterizando-se como uma condição crônica, multifatorial e amplamente prevenível. Associada a alterações metabólicas e inflamatórias, a obesidade compromete diversos sistemas orgânicos e está diretamente relacionada ao aumento da incidência de doenças crônicas não transmissíveis, como diabetes mellitus tipo 2 (DM2), hipertensão arterial sistêmica, dislipidemias, doenças cardiovasculares e alguns tipos de câncer, além de reduzir substancialmente a expectativa de vida. Este estudo teve como objetivo analisar a influência dos padrões alimentares e do estilo de vida na prevenção simultânea do câncer, DM2 e obesidade. Realizou-se uma revisão de literatura por meio da base de dados PubMed, considerando publicações entre 2020 e 2025. Foram identificados 12 estudos, dos quais 5 atenderam aos critérios de inclusão: artigos disponíveis na íntegra, redigidos em inglês e alinhados ao escopo da pesquisa. Utilizaram-se os descritores: “Diet” AND “Lifestyle” AND “Cancer” AND “Diabetes” AND “Obesity”. Os achados evidenciam que padrões alimentares como a dieta mediterrânea, rica em vegetais, azeite de oliva, fibras e com baixo teor de gorduras saturadas, estão fortemente associados à redução do risco de DM2, obesidade e, indiretamente, de alguns tipos de câncer. Dietas de baixo índice glicêmico e com elevado teor de fibras também apresentaram benefícios significativos sobre o controle glicêmico, a sensibilidade à insulina e os marcadores

metabólicos. A prática regular de atividade física, entre 150 e 300 minutos semanais, demonstrou efeitos consistentes na redução da inflamação crônica, melhora do perfil lipídico e prevenção de doenças metabólicas. Intervenções que combinam alimentação equilibrada e exercício físico mostraram-se mais eficazes do que abordagens isoladas. Mecanicamente, destacam-se três vias principais: redução da inflamação crônica, melhora da sensibilidade à insulina e diminuição do estresse oxidativo – todas associadas à prevenção das condições estudadas. Conclui-se que estratégias integradas de promoção da saúde, com ênfase em alimentação saudável e prática regular de atividade física, são eficazes na prevenção de doenças crônicas e devem ser incentivadas por políticas públicas sustentáveis.

Palavras-chave: Dieta; Estilo De Vida; Neoplasias; Diabetes Mellitus Tipo 2; Obesidade.

A INFLUÊNCIA DA MELATONINA NO CONTROLE DA DIABETES MELLITUS TIPO 2 - THE INFLUENCE OF MELATONIN IN THE CONTROL OF TYPE 2 DIABETES MELLITUS

Felipe Melo Azevedo

*JASMINE ZAMBON ELIAS PANACCIONE; JOAO RICARDO DOS
SANTOS PEDRINHO; PATRICIA CINCOTTO DOS
SANTOS BUENO*

RESUMO

RESUMO Descobertas recentes indicam que variações genéticas na expressão do receptor de melatonina MT2 (MTNR1B) estão associadas a um maior risco de desenvolvimento do diabetes mellitus tipo 2 (DMT2), impulsionando investigações sobre os potenciais usos terapêuticos e preventivos da melatonina nessa doença. Diante desse contexto, o presente resumo tem como objetivo analisar criticamente a literatura científica disponível, buscando estabelecer a relação do papel da melatonina no controle do metabolismo glicêmico em indivíduos com DMT2. Foram coletados estudos de revisão sistemática e estudos clínicos randomizados (RCT), publicados nos últimos 10 anos, nas bases de dados PubMed e Scopus. A análise revelou resultados contraditórios sobre o uso da melatonina na terapêutica do diabetes, evidenciando a complexidade e a ausência de consenso na literatura atual. Todos os estudos ressaltam a necessidade de investigações adicionais acerca dessa relação. Parte das evidências sugere efeitos positivos da melatonina na homeostase glicêmica, como a melhora da resposta celular à insulina, a regulação da secreção insulínica, além de suas conhecidas propriedades antioxidantes e anti-inflamatórias, que podem contribuir para a prevenção de complicações associadas à DMT2. Observou-se, ainda, que o horário de administração da melatonina, em relação à última refeição, influencia os efeitos metabólicos, com benefícios na regulação da glicemia de jejum quando administrada

distante do período pós-prandial. Entretanto, outros estudos demonstraram associação negativa entre o uso da melatonina e a sensibilidade insulínica, bem como a homeostase glicêmica. Ressalta-se que aspectos como dose, posologia, formulação e indicação clínica permanecem indefinidos, impactando significativamente nos resultados obtidos. Assim, a relação entre a melatonina e o metabolismo glicêmico na DMT2 continua sendo uma questão controversa e demanda mais pesquisas que elucidem seus potenciais benefícios e riscos, bem como sua interação com a insulina e seus receptores. Palavras-chave: Diabetes mellitus tipo 2, insulina, melatonina.

ABSTRACT Recent findings indicate that genetic variations in the expression of the melatonin receptor MT2 (MTNR1B) are associated with an increased risk of developing type 2 diabetes mellitus (T2DM), prompting investigations into the potential therapeutic and preventive uses of melatonin in this disease. In this context, this summary aims to critically analyze the available scientific literature, seeking to establish the relationship between the role of melatonin in the control of glycemic metabolism in individuals with T2DM. Systematic review studies and randomized controlled trials (RCTs) published in the last 10 years were collected from the PubMed and Scopus databases. The analysis revealed contradictory results on the use of melatonin in diabetes therapy, highlighting the complexity and lack of consensus in the current literature. All studies highlight the need for further investigations into this relationship. Some of the evidence suggests positive effects of melatonin on glycemic homeostasis, such as improved cellular response to insulin, regulation of insulin secretion, in addition to its known antioxidant and anti-inflammatory properties, which may contribute to the prevention of complications associated with T2DM. It was also observed that the time of melatonin administration, in relation to the last meal, influences the metabolic effects, with benefits in the regulation of fasting glycemia when administered far from the postprandial period. However, other studies have demonstrated a negative association between the use of melatonin and insulin sensitivity, as well as glycemic homeostasis. It is noteworthy that aspects such as dose, posology, formulation and clinical indication remain undefined, significantly impacting the results obtained. Thus, the relationship between melatonin and glycemic metabolism in T2DM remains a controversial issue and requires further research to elucidate its potential benefits and risks, as well as its interaction with insulin and its receptors. Keywords: Type 2 diabetes mellitus, insulin, melatonin.

Palavras-chave: Melatonina; Insulina; Diabetes Tipo 2.

A INFLUÊNCIA DA MICROBIOTA INTESTINAL NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA OBESIDADE E DIABETES TIPO 2

*Maria Eduarda Putinati Gomes
Gabriela Sabio Sampaio Castro; Julia Yokomizo Ono; Maria Eduarda
Tartarini D'orleans Rabello*

RESUMO

A microbiota intestinal se destaca como componente fundamental na regulação do metabolismo energético e no desenvolvimento de distúrbios metabólicos, como obesidade e diabetes mellitus tipo 2 (DM2). Ela exerce influência sobre a homeostase metabólica por meio da modulação de processos inflamatórios, integridade da barreira intestinal e produção de metabólitos, principalmente ácidos graxos de cadeia curta (AGCC). Estudos demonstram que a disbiose pode estar associada ao aumento da extração de energia da dieta, à inflamação crônica de baixo grau e à resistência insulínica, fatores centrais na fisiopatologia da obesidade e DM2. Mecanismos epigenéticos também estão envolvidos nessa interação tripla entre dieta, microbiota intestinal e metabolismo. Dietas ricas em fibras favorecem a produção de AGCC, como butirato, propionato e acetato que exercem efeitos anti-inflamatórios, aumentam a sensibilidade insulínica e regulam metabolismo energético. Em contrapartida, dietas ocidentais ricas em lipídios e carboidratos simples induzem disbiose, comprometem barreira intestinal e facilitam a translocação de lipopolissacarídeos (LPS) para a corrente sanguínea. Esse processo ativa receptores do tipo Toll-like (TLRs), especialmente o TLR4, desencadeando cascatas inflamatórias mediadas pela via do fator nuclear kappa-B (NF-κB) e intensificando a liberação de citocinas pró-inflamatórias. Esses eventos contribuem para inflamação crônica de baixo grau, característica da obesidade e DM2, agravando resistência insulínica e promovendo distúrbios no metabolismo lipídico-

glicêmico. O estudo tende explorar como a modulação da microbiota intestinal pode influenciar o risco e a progressão dessas doenças por revisão sistemática de literatura científica. Com objetivo de investigar a relação da composição da microbiota intestinal e o processo do desenvolvimento de obesidade e DM2. Os efeitos das estratégias dietéticas, administração de compostos bioativos e abordagens personalizadas auxiliam na prevenção e tratamento dessas doenças crônicas. Diante desses achados, a compreensão do eixo microbiota–intestino–metabolismo oferece novas perspectivas terapêuticas para o manejo das doenças metabólicas. Dessa forma, intervenções voltadas à modulação da microbiota intestinal por uso de nutracêuticos como prebióticos, probióticos ou simbióticos têm apresentado resultados promissores na restauração da eubiose e na melhoria dos parâmetros metabólicos. O uso de nutracêuticos e transplante de microbiota fecal (TMF) demonstram potencial na restauração da eubiose, redução da inflamação e melhora da sensibilidade insulínica.

Palavras-chave: Transplante De Microbiota Fecal Obesidade Diabetes Mellitus Tipo 2 Metabolismo.

A INFLUÊNCIA DA MICROBIOTA INTESTINAL NO TRATAMENTO DA OBESIDADE

Júlia Karoline Viana Fabi

LUIDI SILVA VINHAL - Acadêmico do curso de Graduação em Medicina da Faculdade Atenas; RENATA DE CASTRO ARANTES OLIVEIRA - Acadêmico do curso de Graduação em Medicina da Faculdade Atenas; MARINA DE CASTRO ARANTES - Acadêmico do curso de Graduação em Medicina da Universidade da Franca; MARIA JÚLIA BIAZON ALVES - Acadêmico do curso de Graduação em Medicina da Universidade de Marília

RESUMO

A obesidade, vista como uma epidemia mundial, é provocada por motivos que transcendem a dieta e o sedentarismo. Em pacientes obesos ocorre uma alteração na microbiota intestinal decorrente da diminuição da diversidade microbiana e desequilíbrio entre bactérias benéficas e nocivas, favorecendo os processos inflamatórios, a maior extração de energia dos alimentos e o acúmulo de gordura corporal. Pesquisas recentes enfatizam a importância vital da microbiota intestinal na regulação do metabolismo e na manutenção do peso corporal. Dessa forma, a regulação da microbiota através do uso de probióticos, simbióticos ou dietas anti-inflamatórias pode ser uma alternativa no tratamento da obesidade ao disponibilizar novas opções terapêuticas. Este estudo objetiva analisar a influência da microbiota intestinal no desenvolvimento e na manutenção da obesidade, avaliando intervenções que visam o manejo e eficácia no tratamento da doença. Para a construção desta revisão narrativa foi realizada a busca dos descritores na plataforma descritores em ciências da saúde (DeCS/MeSH) e formulada a seguinte estratégia de busca: ((Gastrointestinal Microbiome) OR (Probiotics)) AND (Obesity). A busca foi realizada na base de dados do PubMed, com a aplicação dos filtros: "free full text"; "2020-2025". A busca resultou em

3.144 artigos, sendo 3 selecionados por abordarem diretamente o tema

proposto. A análise dos estudos mostra que a modulação da microbiota intestinal por meio de estratégias como o uso de probióticos, simbióticos e dietas anti-inflamatórias tem impacto positivo no controle da obesidade em diferentes idades. Nos adultos, essas intervenções contribuíram para reduções significativas no peso corporal e no índice de massa corpórea. Nas crianças, observaram que alterações no perfil da microbiota estão associadas ao aumento gradual do risco de obesidade. Sendo assim, deve ser reforçado que o potencial preventivo de estratégias alimentares e microbiológicas deve ser feito desde a primeira infância. A modulação da microbiota intestinal configura-se como uma intervenção terapêutica promissora que pode ser uma tática eficiente e inovadora no tratamento da obesidade, ampliando as opções terapêuticas. Evidências indicam sua capacidade de reduzir a adiposidade, mitigar a inflamação sistêmica e promover a restauração da homeostase metabólica, com impacto positivo nos desfechos clínicos.

Palavras-chave: Microbiota Intestinal; Obesidade; Intervenção Terapêutica.

A OBESIDADE INFANTIL COMO PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA NO BRASIL: ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO E ENFRENTAMENTO

BRENDA MILLÉO FRAZÃO

*JAYNE FERREIRA ROCHA - ACADÊMICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE MARÍLIA;
BEATRIZ FREIRIA CABRINI - ACADÊMICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE MARÍLIA;
SOPHIA MUNHOZ FABRETTI - ACADÊMICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE MARÍLIA;
JESSELINA FRANCISCO DOS SANTOS HABER - DOCENTE DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE MARÍLIA. COORDENADORA DO CENID - CENTRO INTERDISCIPLINAR DE DIABETES DA UNIMAR*

RESUMO

A obesidade infantil é uma doença de crescente prevalência no mundo, tendo implicações significativas no desenvolvimento das crianças e adolescentes. É considerada um problema de saúde pública, por diminuir a expectativa de vida e aumentar o risco de doenças crônicas futuras nessa população como hipertensão arterial e diabetes mellitus, o que gera custos significativo para o sistema de saúde pela necessidade de intervenções. Este estudo busca analisar as estratégias nacionais e abordagens intersetoriais relacionadas ao combate à obesidade infantil no contexto brasileiro. Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, com foco em estudos completos publicados entre 2014 e 2024, disponíveis nas bases de dados PubMed e SciELO. Foram utilizados os descritores “Obesity” AND “Child” AND “Prevention” AND “Control” AND “Brazil” OUR “Public Health” para a busca. Após análise 5 artigos foram selecionados. Os estudos indicam que o enfrentamento da obesidade infantil no Brasil avançou por meio de programas como a Política Nacional de Alimentação e Nutrição (1999), o Programa Nacional de

Alimentação Escolar (PNAE), o Programa Saúde na Escola (PSE) que buscam promover uma alimentação saudável e integração saúde-educação. Já no contexto assistencialista, a Atenção Primária de Saúde (APS), especialmente por meio da Estratégia Saúde da Família (ESF), é o principal cenário de prevenção, com atuação de equipes multiprofissionais, seguindo diretrizes como o Guia Alimentar para a População Brasileira. No entanto, apesar de políticas públicas fortes, há uma lacuna entre sua formulação e a implementação com a predominância de ações centradas no âmbito clínico e nutricional, o que limita o alcance de intervenções mais abrangentes e resolutivas, que também consiga combater a presença de alimentos ultraprocessados em ambientes escolares e familiar, impulsionados pela força da indústria alimentícia e à influência da publicidade. Nesse sentido, o enfrentamento da prevenção e combate à obesidade infantil no Brasil exige uma abordagem sistêmica, com políticas públicas que articulem saúde, educação, assistência social e regulação da indústria alimentícia. Para tanto, é necessário a interação entre o controle da publicidade infantil, o incentivo à alimentação adequada nas escolas, a criação de ambientes saudáveis nas comunidades e o fortalecimento da atenção primária com participação social ativa.

Palavras-chave: Obesidade Infantil; Saúde Pública; Brasil.

A SOBRECARGA DO SISTEMA DE SAÚDE DE EMERGÊNCIA DEVIDO AO AUMENTO DE CASOS DE DIABETES TIPO 2 E OBESIDADE

Giovana Mesquita da

Silva Ana Clara Soares Bonfim; Augusto Guimarães Neto; Tainá

Estéfani da Silva;

Viviane Canhizares Evangelista

RESUMO

Introdução: A obesidade, caracterizada pelo acúmulo excessivo de gordura corporal, está associada a diversas comorbidades, como hipertensão arterial, doenças cardiovasculares e Diabetes Mellitus (DM) tipo 2. A DM é uma doença metabólica crônica que se manifesta através da hiperglicemia, resultante da resistência à insulina. O aumento dessas condições sobrecarrega os serviços de emergência, lidando com complicações agudas

— como hipoglicemia, cetoacidose, acidente vascular cerebral e infarto agudo do miocárdio — decorrentes do controle inadequado das doenças crônicas. A obesidade eleva o risco de complicações hospitalares, prolongando internações e elevando custos para o sistema de saúde. Objetivo: Reconhecer as dificuldades enfrentadas pela sobrecarga do sistema de emergência, decorrente do aumento dos casos de obesidade e DM tipo 2. Metodologia: Este estudo configura-se como uma revisão de literatura com abordagem teórica e documental. A coleta de dados foi realizada nas bases Scielo e BVS, resultando em 10 artigos publicados entre 2019 e 2024. A questão norteadora para a construção dos resultados e da discussão foi: "Quais são os principais desafios enfrentados pela sobrecarga do serviço de emergência ao tratar pacientes com obesidade e diabetes tipo 2?". Resultados: Os serviços de urgência e emergência são estruturados a partir da triagem e classificação de risco, conduzido por profissionais de enfermagem. No entanto, a superlotação de pacientes, escassez de materiais e de recursos humanos, bem como a sobrecarga profissional, emergem como

desafios no atendimento de urgência e emergência. Essa realidade impacta a qualidade do atendimento a pacientes com obesidade e DM tipo 2, como muitos procuram o serviço em estado crítico e agudo, demandando atenção imediata. Conclusão: A prevalência de obesidade e DM tipo 2 contribui significativamente para a sobrecarga dos serviços de emergência, comprometendo o funcionamento dessas unidades. Essa situação é agravada pelas complicações agudas resultantes do controle ineficaz das condições crônicas. O volume de pacientes, somado à insuficiência de materiais e à carência profissional, dificulta a organização eficaz da triagem e afeta a qualidade do atendimento prestado. Portanto, é imprescindível priorizar ações de prevenção, garantir o acompanhamento contínuo e fortalecer a organização dos serviços de atenção básica, visando à redução da demanda nos atendimentos emergenciais.

Palavras-chave: Diabetes Tipo 2; Emergência; Sobrecarga; Obesidade.

A VIVÊNCIA EMOCIONAL DE PACIENTES ONCOLÓGICOS DURANTE O TRATAMENTO QUIMIOTERÁPICO

Letícia de Lima Oliveira

Gabriela Alves Fernandes Afonso

RESUMO

O diagnóstico de câncer representa uma experiência emocional intensa, comumente acompanhada por medo, ansiedade, incertezas e alterações significativas na rotina e na percepção de si. O tratamento quimioterápico, além dos efeitos físicos, gera impactos profundos na autoestima, no funcionamento social e no bem-estar psicológico dos pacientes. Nesse contexto, destaca-se a importância da psico-oncologia, área que se dedica a compreender e intervir nas dimensões subjetivas do adoecimento oncológico. Estudos apontam que uma assistência humanizada, integrada ao suporte psicológico, contribui significativamente para o enfrentamento do tratamento. Estratégias como escuta qualificada, acolhimento emocional e valorização das vivências individuais favorecem a resiliência e a adesão terapêutica. Assim, compreender como os pacientes vivenciam emocionalmente o tratamento quimioterápico, especialmente diante das mudanças corporais e de rotina, é essencial para aprimorar o cuidado em saúde. Este trabalho consiste em uma revisão bibliográfica integrativa, com recorte temporal de dez anos, realizada nas bases BVS e PubMed. Foram incluídos artigos completos, gratuitos e publicados em português, que abordassem aspectos emocionais da quimioterapia e a atuação do suporte psicológico. Utilizaram-se os descritores: “quimioterapia”, “psico-oncologia”, “vivência emocional” e “suporte psicológico”. A amostra final foi composta por 10 artigos. Os estudos revelaram que a quimioterapia desencadeia reações emocionais diversas, como medo da morte, angústia diante da imprevisibilidade da doença, sentimentos de perda da identidade corporal, cansaço, isolamento e despersonalização. A forma como o paciente é

acolhido, o suporte oferecido pela equipe de saúde e a presença de redes de apoio influenciam diretamente sua vivência emocional. A psico-oncologia mostrou-se fundamental na promoção do cuidado integral, contribuindo para a ressignificação do adoecimento, a elaboração do sofrimento psíquico e o fortalecimento das estratégias de enfrentamento. Ações humanizadas, como o uso da música, a escuta ativa e a personalização do atendimento, também demonstraram impacto positivo na qualidade de vida e adesão ao tratamento. Conclui-se que o suporte psicológico é um componente essencial do cuidado oncológico e deve ser promovido por equipes multiprofissionais capacitadas, que atuem de forma sensível, integrada e centrada no sujeito.

Palavras-chave: Quimioterapia; Psico-oncologia; Suporte Psicológico E Vivência Emocional.